

PROBIC 2021/2022

LITERATURA INFANTOJUVENIL, PRODUÇÃO DE LIVRO EM PRÁTICA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA NO UNIPAC/BARBACENA

Mestre, Marcillene Ladeira (UNIPAC)
Bolsista, Caio César Ferreira (UNIPAC)
Bolsista, Júlia Soares Ribeiro (UNIPAC)
Bolsista, Luana Fernandes (UNIPAC)
Especialista, Adriano Márcio do Nascimento (UNIPAC)
Mestre, Sarah Gabriela de Carvalho (UNIPAC)

Resumo: Em vistas ao despertar de novas vocações/leitores, o estudo objetiva apresentar um processo de ilustração de livro infantojuvenil, ocorrido em prática de Iniciação Científica, sendo realizado por alunos bolsistas do curso de Arquitetura e Urbanismo do UNIPAC, *campus* Barbacena – projeto que vem sendo desenvolvido em parceria com o Centro de Ciências da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG e o curso de Pedagogia, também do UNIPAC/Barbacena. Sobre o título: *As aventuras de Quark e sua turminha – Quark Expedições*, o processo circunscreve o primeiro volume que abrange o tema: uma expedição aos tempos antigos da história e a presença do mármore na Arte e na Arquitetura. Ao unir a representação gráfica dos personagens no universo da fantasia com os conhecimentos reais e atuais das Ciências e das Artes nasce a literatura do Projeto. Além de *Quark* – protagonista, são personagens: *Charm e Hádron e Up*. Esses, auxiliam nas narrativas, mas suas aparições podem variar conforme a aventura.

Palavras-chaves: Educação. Pesquisa. Literatura infantojuvenil. Ilustração Literária.

YOUTH LITERATURE, BOOK PRODUCTION IN PRACTICE OF SCIENTIFIC INITIATION AT UNIPAC/BARBACENA

Abstract: Bearing in mind of the awakening of new vocations/readers, the survey aims to present a children book illustration process, it had occurred in Scientific Initiation practice. It carried out by scholarship students of the Architecture and Urbanism course at UNIPAC, *campus* Barbacena – project that has developed in partnership with the Science Center of the Federal University of Juiz de Fora/MG and the Pedagogy course from UNIPAC/Barbacena. About the title: *The Adventures of Quark and His Mates – Quark Expeditions*, the process circumscribes the first volume that covers the theme: an expedition to ancient times of history and the presence of marble in Art and Architecture. Uniting the graphic representation of the characters in the fantasy universe with the real and current knowledge of Science and Arts, the Project literature is born. In addition to *Quark* - protagonist, there are characters: *Charm, Hadron and Up*. These help in the narratives, but their appearances may vary depending on the adventure.

Keywords: Education. Search. Youth Literature. Literary Illustration.

INTRODUÇÃO

Vincent Jouve (2002, p. 19 *apud* OLIVEIRA, 2010, p.32) concebe a leitura literária “como um processo múltiplo, que envolve aspectos neurofisiológicos, cognitivos, argumentativos e simbólicos”. Antônio Cândido (2004, p. 180) a traz, sendo um processo observado como “aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a

boa disposição para o próximo, o afinamento das emoções, [...] o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

Por acreditar nesse recurso (leitura literária), as páginas seguintes descrevem o estudo que amalgama personagens de criação na própria autoria, com conhecimentos reais e atuais das Ciências e das Artes, em proposta de divulgação científica. O processo é conduzido sob o título: **As aventuras de Quark e sua turminha – Quark Expedições**. O recorte do texto, aqui, apresentado circunscreve o relato de produção do primeiro volume que abrange o tema: **Uma expedição aos tempos antigos da história e a presença do mármore na Arte e na Arquitetura**, estando esse fracionado em quatro pontos de discussão: (i) O Projeto; (ii) O Texto Literário; (iii) A Literatura de Divulgação Científica; (iv) Da minha janela: Personagens e Editoração.

O PROJETO

O projeto se refere a uma proposta de Iniciação Científica – Programa PROBIC (coordenação de Gláucia Buratto Rodrigues de Mello), referente ao Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), campus Barbacena/MG, cujo objeto de estudo é a escrita, ilustração e diagramação de literatura infantojuvenil, sendo desenvolvida sob o título: *As aventuras de Quark e sua turminha – Quark expedições*. O projeto é desenvolvido sob orientação da professora Marcillene Ladeira e envolve a participação de dois cursos: Pedagogia (curso coordenado pelo professor pedagogo Adriano Márcio do Nascimento) e Arquitetura e Urbanismo (curso coordenado pela professora arquiteta Sarah Gabriela de Carvalho).

A proposição é estruturada através de parcerias institucionais: UNIPAC/Barbacena e Centro de Ciências da Universidade Federal de Juiz de Fora – uso da mascote institucional, personagem principal da série e sua turminha. Formam a trupe: *Quark, Charm, Hádron e Up*.

Cada um dos personagens é criação da professora proponente, Marcillene Ladeira, quando estudante e em atuação no Centro de Ciências, 2008 a 2013, também em projeto de pesquisa e atuação profissional. Agora, esses personagens ganham vida nas mãos dos bolsistas que a mesma orienta.

A literatura, em si, carrega a sintonia do espaço em que foram criados: divulgação científica. O volume 1 (conforme tema já descrito), perfaz uma expedição a uma pedreira de mármore, localizada nas proximidades – zona rural de Barbacena. Já o volume 2, contempla uma viagem ao espaço. No processo de construção de 1, observa-se que o bolsista Caio César Ferreira ficou como responsável pelos desenhos de *Quark* e *Charm*, a bolsista Luana Fernandes, pelos personagens *Hádron* e *Up*. Enquanto Júlia Soares Ribeiro cuidou da transposição dos desenhos para o meio tecnológico e diagramação final.

O TEXTO LITERÁRIO

“Eu não sei se sou um bicho
Eu não sei se eu sou um pau
Se sou pau que vira bicho
Ou bicho que vira pau.”

MACHADO (2016) - *O dilema do Bicho pau*

Ao discorrer sobre a classificação do texto literário, percebe-se que, nem sempre, isso se torna simples. Antes de tudo, vale saber que a palavra Literatura tem origem no latim *litteris* traduzindo-se como “Letras”; em definição de dicionário “está comumente associada à ideia de escrita de letras”; “arte ou ofício de escrever”. De acordo com Marisa Lajolo, em seu *O que é Literatura* (1995), temos: a literatura pode ser entendida como a arte da palavra, arte que nasce com produções orais surgidas da necessidade de narrar, de transmitir tradições e educação; que nos convida a observar as obras sob novos ângulos, podendo ser considerada sedimentadora da cultura e da história.

Harry Potter e *Reinações de Monteiro Lobato* são livros classificados como infantojuvenis. Sendo leituras tão díspares, pergunta-se: mas qual é a faixa etária infantojuvenil? A palavra em si é formada pela junção de dois “vocábulos autônomos ou falsos prefixos”: infante + juvenil; o que indica que alguma coisa se refere ou está destinada a duas coisas simultâneas – a infância e a juventude (jovens adolescentes). Assim, o termo infantojuvenil é bem genérico e contempla uma faixa etária de leitores ampla: crianças entre 6 anos e adolescentes por volta de 15 anos ou, ainda, podemos expressar que se encontra dividida em uma faixa de idade que perfaz 6 a 10 anos (literatura infantil), e uma faixa de idade entre 11 a 15 anos (literatura juvenil), podendo, também, ter uma variação de fala que usa a identificação de 0 aos 18 anos – definições mais comuns entre as editoras brasileiras.

Nesse contexto, os livros com leituras mais simples e com maior quantitativo de ilustrações são os melhores para as crianças até 10 anos, a exemplo da obra *Reinações de Monteiro Lobato*. Já *Harry Potter* tem uma “pegada” mais madura, sendo uma boa opção para os adolescentes, com faixa etária de 11 a 15 anos. Um adolescente não irá querer um livro muito infantil, enquanto uma criança não entenderá uma narrativa complexa. O número de páginas, o tamanho da fonte, o caráter da ilustração e a própria complexidade da história contribuem, também, para esse fator de classificação ou indicação.

Por outro lado, seja no seio familiar ou dentro de um sistema educacional¹ há, cada vez mais, a construção de um perfil de contato com o texto literário. Em meio a esse universo, é possível dissertar, também, que a própria maturidade de escolha da criança ou do adolescente pode conter uma certa variável, visto seu envolvimento de construção quanto à intimidade literária – no número de exemplares que costuma ler.

A LITERATURA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Segundo Marandino (2008), o século XIX é chamado “século de ouro” dos museus, porque testemunha o crescimento e a ampliação dessas instituições em todo o mundo. Os centros de ciências estão para uma ramificação da área museal, que é mais ligada ao campo da ciência e da **divulgação científica**. Marco desse movimento é o documento da UNESCO, *Learning to be – The Faure Report*, de 1972, que estabeleceu metas quanto à educação ao longo da vida e à sociedade de aprendizagem. A partir desse documento, firmou-se uma divisão já visível do sistema de ensino em três categorias: educação formal, não formal e informal. (MARANDINO, 2008, p.13).

No Brasil, sua multiplicação ocorreu especialmente a partir de 1990, segundo levantamento feito pela Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência, pelo Museu da Vida e pela Casa da Ciência/UFRJ. No início, foram implantados apenas nas capitais, mas, aos poucos, passaram a ser disseminados por todo o país, principalmente, com vinculação às universidades, como é o caso do Centro de Ciências da UFJF, sendo considerados como uma educação não formal. Logo, esses espaços surgem de modo a auxiliarem na educação formal praticada em sala de aula.

Em concomitância, é observável que desde a promulgação da expressão “Ciências para Todos”, anunciada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Cidadania e a Cultura (Unesco), a **divulgação científica** vem ganhando espaço. A contextualização de um novo objeto implica sempre em novas articulações legislativas, modos de ensinar e aprender, sistemas de trocas. Apresentar divulgação científica como literatura é, portanto, adentrar nesses cenários. Entre as discussões atuais, Sánchez Mora (2003) conceitua:

A divulgação científica como literatura consiste num tipo de produção escrita em que a ênfase não incide sobre a descrição de conteúdo ou de processos da ciência, mas, antes, sobre o desenvolvimento de ideias que têm fortes conteúdos humanizados. Assim, neste tipo de divulgação científica, a vida humana (em seus caracteres subjetivos e objetivos [...]), homogeneiza o discurso em torno das experiências humanas, carregando essas obras de fortes conteúdos poéticos, humanísticos e artísticos. (SANCHÉZ, 2003 apud PINTO, 2007, p. 26).

¹Segundo legislação vigente, o sistema educacional brasileiro é formalizado pela Educação Infantil (creches e pré-escolas) com bebês (faixa de zero a 1 ano e 6 meses), crianças bem pequenas (faixa de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses), ou crianças pequenas (faixa de 4 anos a 5 anos e 11 meses). Na sequência há o Ensino Fundamental, anos iniciais (faixa de 6 aos 10 anos e 11 meses) e anos finais (faixa de 11 aos 14 anos e 11 meses). O Ensino Médio (faixa de 15 aos 17 anos e 11 meses).

O nosso objeto busca esse enquadramento – um processo leve de cientificidade, mas que mantém um caráter curioso e humanizante, bem como a poética e o carisma dos personagens.

DA MINHA JANELA: PERSONAGENS

Referente aos personagens do enredo, *Quark*, *Charm*, *Hádron* e *Up*, observa-se que seus nomes são originários da Física de Partículas – ramo de estudos da Ciência Moderna, sendo partículas que compõem a matéria. Isto é, de acordo com os estudos atuais, o átomo é constituído de: neutros, prótons e elétrons; somente o último é elementar (indivisível), enquanto os outros dois são divisíveis, sendo pesados e classificados em *Hádrons*. Estes, são formados por partes ainda menores – os chamados *Quarks*, considerados, realmente, elementares. *Up* e *Charm* estariam entre eles. Eis, assim, o encontro das quatro nomenclaturas. (T. JARDIM, 2015; ABDALLA, 2005).

Na representação iconográfica dos mesmos, *Quark* e *Charm* – versão masculina e feminina, respectivamente – absorvem a transcrição imagética de uma espécie biológica: um quati ou coati, (do tupi *akwa'tim*, que significa nariz pontudo). O mamífero (Fig.1), foi selecionado pelo grande número que habitava o derredor do Centro de Ciências da UFJF, torneado por uma mata atlântica preservada². Assemelha-se a um guaxinim, porém possui o nariz mais comprido e o corpo mais alongado, com altura de cerca de 70 centímetros. Seus hábitos alimentares se baseiam em minhocas, frutas, insetos e ovos, sendo diurnos, mas, às vezes, praticam atividades noturnas. Vivem em grupos de fêmeas e machos jovens (normalmente entre 4 a 20 animais). Os machos adultos só se unem ao bando para reprodução, que acontece no fim da primavera. Mesmo não gostando de água, pode nadar bem; dorme enrolado como uma bola no topo das árvores; é de coloração cinzenta-amarelada, porém variável, havendo indivíduos quase pretos e outros avermelhados; os focinhos e os pés são pretos e bem versáteis: rastreiam cheiros de longe e são capazes de realizarem escaladas, saltos e corridas. As orelhas são curtas e a cauda mede em torno de 55 centímetros – característica que lhe proporciona equilíbrio, mas também certa formosura. Possui de sete a oito anéis pretos – a chamada cauda-anelada. É um animal muito esperto que convive bem com os humanos. (QUATI, 2017, np;QUATI-DE-CAUDA-ANELADA, 2020, np).

²Diz-se da primeira sede do Centro de Ciências, onde funcionou por dez anos e seis meses. Tratou-se de um anexo ao lado Colégio de Aplicação João XXIII, bairro Santa Helena, Juiz de Fora – MG. No dia 3 de julho de 2017, ganhou sede nova no campus universitário da UFJF, espaço construído especificamente para recebê-lo.



Figura 1. Quati

Fonte: <https://aminoapps.com/c/pets-em-geral/page/blog/quati-simpatico-e-comilao/>

Ao dissertar sobre *Hádron*, pode-se observar um macaco de pequeno porte: *Callithrix Penicillata*, sagui-do-tufo-preto, sagui-do-cerrado ou, ainda, mico-estrela (Fig. 2). Até mais que os quatis, mantém uma relação estreita com os seres humanos, pois trata-se de uma espécie bem presente nas cidades. Foi selecionado por, também, habitar o entorno do Centro de Ciências da UFJF. Uma de suas características peculiares é a mancha clara na testa, que o faz ser mais conhecido por mico-estrela. Naturalmente, sua coloração é cinza castanho escura; outra paridade ao quati é a cauda: coexistem listras intercaladas em forma de anel; mas se difere nas unhas, formato da garra e no tamanho: de grau menor – aproximadamente 40 cm. (NAKAMURA, 2009; VALE, 2016).



Figura 2. Sagui ou mico-estrela

Fonte: NAKAMURA, 2009, p.3

Já *Up* é uma estrela e faz referência a um corpo celeste do espaço sideral; em outras palavras, diz-se de uma das áreas de conhecimento na qual o Centro de Ciências desenvolve práticas de estudo e divulgação científica – a astronomia.

Filipa Tirgoala, à luz de Padilla (2015, p.4 *apud* 2007, p. 102) referente a ação de desenhar explica: para se “desenhar é necessário o desenvolvimento da capacidade de observação, para um modo mais analítico, ou seja, ver o que nos rodeia numa perspectiva diferente”. Assim, a partir da observação cuidadosa dos referenciais naturais, unindo-se a um certo grau de fantasia e ludicidade, mas também do estudo de personagens já desenvolvidos por outros ilustradores, nasceram cada um dos personagens desse relato. A imagem seguinte, já com ar de aventura, apresenta todos eles:



Figura 3. *Quark* e sua turminha – *Quark* Expedições
Fonte: Arquivo da Pesquisa, 2022

A partir dessa visualização, é nítida a constatação que *Quark* e *Charm* são personagens mais humanizados que *Hádron* e *Up*– sendo estes, grandes amigos que acompanham aqueles.

No sentido de manter fidelidade às cenas representadas, é fundamental que cada personagem traga sentido de dimensões individuais. Um dos exemplos mais antigos da ideia de tamanho na representação foi realizado pelo escultor Policleto, ainda no século V a. C., que escreveu um tratado intitulado *Cânion* ou *Cânone*, o qual registrou proporções que se estabelecem entre uma unidade básica (a cabeça) e o comprimento do corpo. Entre essas, o número mais difundido é o cânone de sete cabeças. (STOKSTAD, 2005 *apud* SOUZA, 2019, p. 6). A título de exemplo e interesse de discurso, Robert Chambers (p. 86 *apud* TIRGOALA, 2015, p. 16), “no séc. XIX, descreve as proporções da figura humana, num livro destinado ao ensino do desenho, a

crianças, dividindo-o, igualmente, em oito cabeças”. As marcações das cabeças estariam: 2ª no peito, 3ª no centro do abdômen, 4ª na parte inferior do tronco, 5ª no meio da coxa, 6ª imediatamente abaixo do joelho, 7ª no meio do tornozelo e 8ª, na sola do pé. Nesse processo, o corpo feminino (representação da *Charm*), segue uma padronização menor. (TIRGOALA, 2015, p. 52). Montamos, além de um *Cânone* ou medida linear de tamanho com base na cabeça do personagem, outras formas esquemáticas (círculos e retângulos regulares) que contribuem, ainda mais, para manter o sentido das dimensões.

Para a colorização, em *Quark* e *Charm* foi empregada a tonalidade em amarelo ocre, acrescido de preto nos anéis das caldas e amarelo claro, com baixa vibração, para a fase/rosto. Os olhos de ambos se diferem – enquanto *Quark* mantém tom azul, *Charm*, castanho esverdeado. Segundo alguns estudos, as cores dos olhos podem apontar para as missões espirituais dos indivíduos, os quais influenciam o ambiente e até outros indivíduos ao redor. Logo, o azul de *Quark* nos remete a cor da faixa do curso de Artes Plásticas (formação de Marcillene), mas também nos leva à imensidão do mar ou do céu; é ainda a cor do sonho – questão própria que caracteriza a realidade vivida pelas crianças no Centro de Ciências da UFJF; promove a sensação de sabedoria, proteção e acolhimento. O castanho esverdeado de *Charm* – cor entre o mel e o verde esmeralda – está entre a preciosidade de uma pedra rara e a doçura do néctar da abelha. Para essa cor, mesmo que seu possuidor, às vezes, tenha medo, em sua grande parte emana uma atmosfera de força, verdade e coragem. *Charm*, assim, possui a característica que coloca ordem nas descobertas e aventuras da turminha.

Ao referir-se ao *Hádron* e a *Up* – enquanto esta é amarela, aquele é marrom escuro em toda extensão do corpo, com face e peito em tons de marrom claro. Nas cores dos olhos, ambos são pretos. Tal tonalidade transmite força e valentia. Ao descrever um pouco mais, *Up*, sendo um ser do espaço, sua característica possui energia flutuante; também possui uma intelectualidade que transcende. Com esse perfil próprio, caminha ao lado de *Charm*, sempre a desafiando ir adiante em suas percepções. Já na construção iconográfica de *Hádron*, não se pode deixar de lembrar da figura de *Abu* – macaco de estimação da série animada *Aladdin*, produção da Disney, de 1994, sendo esse um de seus melhores amigos, ao lado do *Gênio* e do *Tapete*. Como *Abu*, *Hádron* possui personalidade gentil e traz, muito rapidamente, às mãos de *Quark*, tudo que precisa, é de muito expediente, sendo ainda descontraído, curioso e, sobretudo, opinativo. Ou seja, o macaquinho de nossa história, também, é o melhor amigo do personagem de destaque – *Quark*.

A turminha é toda animada, corajosa e desbravadora – vive planejando investigações. Para tal, eles criam diálogos que promovem discussões brilhantes e resultam em aventuras

incríveis. Na versão do livro 1, além de todo o enredo conter a temática da expedição, o livro apresenta e desenvolve a ideia de um jogo que pode ser praticado pelos leitores infantojuvenis.

DA MINHA JANELA: EDITORAÇÃO

Em nosso processo de produção, depois da narração finalizada, a editoração começa com o desenho feito à mão. A vetorização vem na sequência, sendo realizada pelo *software Adobe Ilustrador*, que nos permite a manipulação das linhas e a colorização das formas. É nesse momento que ocorrem possíveis correções aos desenhos iniciais, pois no processo de cor a percepção do formato geral torna-se outra.

A escala *Pantone*® define a exatidão de cada uma das cores dos personagens, visto ser muito comum sofrerem distorções na visualização dos monitores e no sistema de impressão. Isso acontece por diversos fatores, como a calibração do monitor, seu tipo (LCD ou LED), a diferenciação do sistema de cor do monitor e da impressão (CMYK ou RGB), entre outros.

Ainda na cor ou para o seu fechamento, conforme imagem apresentada na sequência (Fig. 4), primeiro, para cada uma das quatro proposições, houve a realização de um estudo de cor em processo manual para, enfim, se chegar nas tonalidades adequadas ao sistema digital.

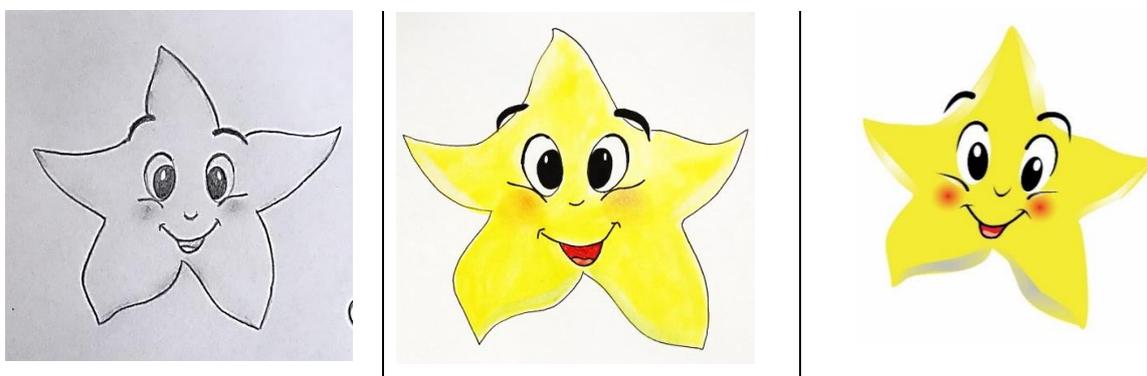


Figura 4. Desenho manual e estudo de cor (manual e digital) da personagem *Up*
Fonte: Arquivo da Pesquisa, 2022

Nessa nossa história, cada uma das cenas é montada separadamente (personagem a personagem), depois são unidos, seguido de um estudo de representação de seu entorno. Vale observar que antes mesmo do desenho existiu a escrita do texto literário e seu fracionamento por página, somente após, deu-se sequência à construção do processo imagético. E, como já dito, primeiro ocorre o modelo manual, seguindo-se ao digital. Em alguns trechos, por vezes, o texto inicial, por uma questão de adequação, acaba também por sofrer ajustes.

O Corel Draw, o Adobe InDesign e também o Adobe Photoshop foram outros *softwares* utilizados para o tratamento das imagens, bem como a diagramação das páginas.

A imagem seguinte (Fig. 5) apresenta um processo de paginação. Na primeira cena vemos um desenho manual no qual a turminha observa um grande bloco de pedra de mármore – estando para a ideia de incorporação do escultor renascentista Michelangelo:



Figura 5 - A e B. Cena em discussão
Fonte: Arquivo da Pesquisa, 2021/2022

A Figura 5-B (imagem digital), como em 5-A (desenho manual) são apresentadas em processo. Nesse caso, a intenção é a de exemplificar a vetorizações e sua condição de alteração entre essa e o desenho manual. Ainda nesse recorte, observa-se que a finalização do fundo é dada pela presença de uma foto real da pedreira, na qual a turminha realizou a expedição em curso (Petraminas, amostra Fig. 6), ou seja, em nosso processo de editoração, o real também é uma marca que caracteriza nossa condução.



Figura 6. Vista parcial Petraminas
Fonte: Fotografia da Empresa (imagem cedida), 2020

Em página dupla de abertura, o trecho de texto que a cena em descrição apresenta, rompe-se em meio ao jogo ou brincadeira da turminha. Ver-se-á:

[...] Nesse momento, *Up* ouve *Charm* gritar ao *Quark*:
_ Davi de Michelangelo, *Quark*!
Assim que *Charm* acabou sua explicação, *Quark* se aproxima e aponta para um grande bloco de pedra que estava mais a frente deles...
... os quatro vão até ao corte e tentam incorporar a ideia de Michelangelo. Olham para a pedra como se tentassem visualizar Davi dentro da rocha!!!
He! He! Foi incrível essa experiência!
Os três – *Charm*, *Hadron* e *Up*, agora se alinham e se põem a olhar para a pose de *Quark*. Ficaram deslumbrados por lembrarem o que o tão admirável artista renascentista, Michelangelo, adepto ao uso do mármore, pronunciara...
Caramba! Ele acreditava, fielmente, que a estátua ou obra a ser realizada, estaria esperando dentro do bloco de pedra, cabendo a ele retirar o excedente do material a fim de revelar a sua magia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo caminho da pesquisa – Iniciação Científica – tem sido possível prosseguir no interesse da divulgação científica, perfazendo o contexto literário.

Nessa experimentação, vemos que o projeto é laborioso e possui muitos desafios, mas também proporciona riquezas de conhecimento e tem nos permitido reformular posicionamentos e estratégias de ações – seja na visão docente, seja na discente. Os alunos bolsistas, por vezes, encontram-se em meio ao percurso.

Assim, apesar dos percalços, acreditamos no que estamos fazendo em seio Universitário – consideramos um exercício de humanização; de integração que une teoria e prática; razão e sonho; trabalho e conquista. Ademais, conhecer é também maravilhar-se ou, como nos dizeres de Florêncio Oliveira (2010, p.31): “o texto literário não deve ser visto nem como um texto de difícil compreensão, nem como um texto em que seja possível toda e qualquer explicação ou interpretação”. A propósito, o texto literário é a leitura atenta a ele e, também, o contato, seja pelas clássicas presenças ou pelas formas renovadas, como as que norteiam esta pesquisa, que este mundo se move. Tão logo, como em um percurso iniciado, as conduções desta pesquisa se mantêm em aberto. O fio condutor de nossas ações vem mapeando algumas operacionalizações, as quais ainda há muito a perseguir...

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Maria Cristina Batoni. *Sobre o Discreto Charme das Partículas Elementares*. Física na Escola, Sociedade Brasileira de Física, v. 6, n. 1, p.33-44, 2005.

ALMEIDA, Maria José P.M.; RICON, Alan Esteves. *Divulgação científica e texto literário uma perspectiva*. Cad. Cat. Ens. Fís., Florianópolis, v.10, n.1: p.7-13, abr.1993.

CANDIDO, Antônio. Vários Escritos. Duas Cidades. In: CANDIDO, Antônio. *O direito a literatura*. São Paulo: Editora Ouro Sobre Azul, 2004, Cap. 1, p. 169-191.

- LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MACHADO, Ângelo B. M. *O dilema do Bicho pau*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- MARANDINO, M. (org.) *Educação em museus: a mediação em foco*. São Paulo: Geenf/ FEUSP, 2008.
- NAKAMURA, Elaine Mitie. *Convívio entre Saguis e Pessoas: Experiências no Parque Ecológico do Córrego Grande e entorno, Florianópolis/Sc*. 2009. 76f. (Monografia) – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Biológicas. Departamento de Ecologia e Zoologia, Florianópolis, 2009.
- OLIVEIRA, F. C. D. *O ensino de literatura na perspectiva dos gêneros literários: uma proposta de trabalho*. 2010. 216 f. Tese (Doutorado em Letras na área de concentração Literatura e Cultura, Linha de Pesquisa Literatura e Ensino) – Universidade Federal da Paraíba Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa – PB, 2010.
- PINTO, Gisnaldo Amorim. *A divulgação científica como literatura e o ensino de ciências*. 2007. 226 f. Tese (DOUTORADO). – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2007.
- QUATI... SIMPÁTICO E COMILÃO, 2017. Disponível em: <<https://aminoapps.com/c/pets-em-geral/page/blog/quati-simpatico-e-comilao/>>. Acesso: <02 nov. 2020>.
- QUATI-DE-CAUDA-ANELADA, 2020. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Quati-de-cauda-anelada>>. Última edição: 08h05min, 28 maio 2020. Acesso: <02 nov. 2020>.
- SOUZA, Anderson Luiz De. *Uma breve história do desenho da figura humana e seus cânones*. Revista da FUNDARTE, p.95-116, ano 19, nº 38, abr. / jun. de 2019. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- T. JARDIM, Wagner. Meu nome é Quark! In: ALCÂNTARA, Marlon C. (Org.). *Quark e a História da Ciência*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015. Cap. 6, p. 59-71.
- T. JARDIM, Wagner. Meu nome é Quark! In: ALCÂNTARA, Marlon C. (Org.). *Quark e a História da Ciência*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015. Cap. 6, p. 59-71.
- TIRGOALA, Filipa de Albuquerque R.C.S. *Cânones, movimento e expressão na representação da figura humana*. Relatório da Prática de Ensino Supervisionada. Portugal: Universidade de Lisboa, 2015.113 p. (Mestrado em Ensino das Artes Visuais).
- VALE, Caroline Almeida. *Distribuição e potencial de invasão do sagui *Callithrix Penicillata*(ÉGeoffroy, 1812) no território brasileiro*. 2016. 56f. Dissertação. (Mestrado em Comportamento e Biologia Animal) – UFJF, Pós-Graduação em Ciências Biológicas, Juiz de Fora, 2016.